



## A Santa Sé

---

**PAPA FRANCISCO AUDIÊNCIA GERAL** Quarta-feira, 27 de março de 2019 [\[Multimídia\]](#)

**Catequese sobre o Pai-Nosso - 11 «O pão nosso de cada dia nos dai hoje»**

*Amados irmãos e irmãs, bom dia!*

Hoje passamos a analisar a segunda parte do “Pai-Nosso”, aquela na qual apresentamos a Deus as nossas necessidades. Esta segunda parte começa com uma palavra que perfuma de dia a dia: o pão.

A oração de Jesus parte de uma pergunta impelente, que é muito semelhante à imploração de um mendigo: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje!”. Esta oração provém de uma evidência que muitas vezes esquecemos, ou seja, que não somos criaturas autossuficientes, e que todos os dias precisamos de nos alimentar.

As Escrituras mostram-nos que para muitas pessoas o encontro com Jesus se realizou a partir de uma pergunta. Jesus não pede invocações requintadas, aliás, toda a existência humana, com os seus problemas mais concretos e diários, se pode tornar prece. Nos Evangelhos encontramos uma multidão de mendigos que suplicam libertação e salvação. Há quem pede o pão, quem a cura; alguns a purificação, outros a vista; ou que uma pessoa querida possa reviver... Jesus nunca fica indiferente face a estes pedidos e padecimentos.

Por conseguinte, Jesus ensina a pedir ao Pai o pão de cada dia. E ensina-nos a fazê-lo juntamente com muitos homens e mulheres para os quais esta prece é um grito — muitas vezes abafado — que acompanha a ansiedade de todos os dias. Quantas mães e quantos pais, ainda hoje, vão dormir com o tormento de não ter no dia seguinte o pão suficiente para os próprios filhos! Imaginemos esta oração recitada não na segurança de um apartamento confortável, mas na precariedade de um ambiente ao qual se adapta, onde falta o necessário para viver. As palavras de Jesus assumem uma força nova. A oração cristã começa por este nível. Não é um exercício para ascetas; parte da realidade, do coração e da carne de pessoas que vivem em necessidade, ou que partilham a condição de quem não dispõe do necessário para viver. Nem sequer os místicos cristãos mais elevados podem prescindir da simplicidade deste pedido. “Pai, faz com que para nós e para todos, hoje, haja o pão necessário”. E “pão” significa água,

medicamentos, casa, trabalho... Pedir o necessário para viver.

O pão que o cristão pede na oração não é o “meu” pão mas o “nosso”. Assim quer Jesus. Ensina-nos a pedi-lo não só para nós mesmos, mas para a inteira fraternidade do mundo. Se não se rezar deste modo, o “Pai-Nosso” deixa de ser uma oração cristã. Se Deus é o nosso Pai, como nos podemos apresentar a Ele sem nos darmos a mão? Todos nós. E se roubarmos uns aos outros o pão que Ele nos concede, como podemos dizer que somos seus filhos? Esta prece contém uma atitude de empatia, uma atitude de solidariedade. Na minha fome sinto a fome das multidões, e então rezarei a Deus enquanto o pedido delas não for ouvido. Assim Jesus educa a sua comunidade, a sua Igreja, a apresentar a Deus as necessidades de todos: “Todos somos Vossos filhos, tende piedade de nós!”. E agora far-nos-á bem pensar por alguns momentos nas crianças famintas. Pensemos nas crianças que vivem em países em guerra: nas crianças famintas do Líbano, nas crianças famintas na Síria, nas crianças famintas em muitos países onde não há pão, no Sudão do Sul. Pensemos nestas crianças e pensando nelas recitemos juntos, em voz alta, a prece: “Pai, o pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Todos juntos.

O pão que pedimos ao Senhor na oração é o mesmo que um dia nos acusará. Repreender-nos-á o pouco hábito de o repartir com quem está próximo, o pouco hábito de o repartir. Era um pão oferecido à humanidade, e ao contrário foi comido só por alguns: o amor não pode suportar isto. O nosso amor não o pode suportar; nem sequer o amor de Deus pode suportar este egoísmo de não repartir o pão.

Certa vez havia uma grande multidão diante de Jesus; eram pessoas que tinham fome. Jesus perguntou se havia entre eles quem tivesse alguma coisa, e viu que só uma criança estava disposta a partilhar aquilo de que dispunha: cinco pães e dois peixes. Jesus multiplicou aquele gesto generoso (cf. *Jo 6, 9*). Aquele menino tinha compreendido a lição do “Pai-Nosso”: que os alimentos não são propriedade individual — convençamo-nos disto: os alimentos não são propriedade individual — mas providência a partilhar, com a graça de Deus.

O verdadeiro milagre realizado por Jesus naquele dia não foi tanto a multiplicação — que foi verdadeira — mas a partilha: dai-me o que tendes e eu farei o milagre. Ele mesmo, multiplicando aquele pão oferecido, antecipou a oferenda de Si no Pão eucarístico. Com efeito, só a Eucaristia é capaz de saciar a fome de infinito e o desejo de Deus que anima cada homem, até na busca do pão de cada dia.

---

## Saudações

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos participantes

no Congresso organizado pelo Instituto Sílvio Meira, aos alunos e professores do Instituto Nun'Álvares e aos fiéis de Cascavel e Hamilton no Canadá, encorajando todos a ser testemunhas do amor que Jesus nos demonstrou com o seu sacrifício na Cruz. Que a cruz seja o sinal duma vida de jubilosa doação ao próximo. De bom grado vos abençoo a vós e aos vossos entes queridos!

Como todos os anos, sexta-feira e sábado próximos, encontrar-nos-emos para a tradicional iniciativa: «24 horas para o Senhor». Sexta-feira, pelas 17h00, na Basílica de São Pedro, celebrarei a Liturgia Penitencial. Como seria significativo que também as nossas igrejas, nesta ocasião especial, estivessem abertas, para pedir a misericórdia de Deus e acolhê-la no Sacramento do Perdão.

Dirijo uma saudação especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. A visita aos Túmulos dos Apóstolos seja para todos vós ocasião para crescer no amor a Deus e para vos deixardes transformar pela graça divina, que é mais forte do que qualquer pecado.

---

*Estimados irmãos e irmãs!*

Hoje temos a alegria de ter connosco uma pessoa que desejo apresentar-vos. É a irmã Maria Concetta Esu, da Congregação das Filhas de São José de Genoni. E por que o faço?

A irmã Maria Concetta tem 85 anos e há quase 60 é missionária na África, onde desempenha o seu serviço de obstetra. Um aplauso. Conheci-a em Bangui, onde fui inaugurar o Jubileu da Misericórdia. Lá ela contou-me que na sua vida ajudou milhares de crianças a nascer. Que maravilha! Naquele mesmo dia ela tinha vindo do Congo em canoa — com 85 anos — para fazer compras em Bangui.

Nestes dias está em Roma para um encontro com as suas irmãs de hábito e hoje veio à audiência com a sua Superiora. Então pensei em aproveitar esta ocasião para lhe entregar um sinal de reconhecimento e dizer um grande obrigado pelo seu testemunho! Querida Irmã, em meu nome e no da Igreja, ofereço-te uma honorificência. É um sinal do nosso afeto e do nosso “obrigado” por todo o trabalho que realizaste no meio das irmãs e irmãos africanos, ao serviço da vida, das crianças, das mães e das famílias.

Com este gesto dedicado a ti, pretendo exprimir também o meu reconhecimento a todos os missionários e missionárias, sacerdotes, religiosos e leigos, que espalham a semente do Reino de Deus em todas as partes do mundo. O vosso trabalho, queridos missionários e missionárias, é grande. Vós “queimais” a vida semeando a palavra de Deus com o vosso testemunho... E neste

mundo não sois notícia. Não sois notícia nos jornais. O cardeal Hummes, que é o encarregado do Episcopado brasileiro, de toda a Amazônia, com frequência visita as cidades e as aldeias da Amazônia. Cada vez que chega ali — ele mesmo me contou — vai ao cemitério visitar os túmulos dos missionários; muitos faleceram jovens devido a doenças contra as quais não tinham anticorpos. E ele disse-me: “Todos eles merecem ser canonizados”, porque “queimaram” a vida no serviço.

Queridos irmãos e irmãs, a Irmã Maria Concetta, depois deste compromisso voltará em breve para a África. Acompanhem-na com a oração. E o seu exemplo nos ajude todos a viver o Evangelho onde estivermos.

Obrigado, Irmã! O Senhor te abençoe e Nossa Senhora te proteja.